



Situação de Aprendizagem 22 NOÇÃO DE TEMPO E REFLEXÕES SOBRE O AMOR

1. Introdução - NOÇÃO DE TEMPO

O tempo é elemento físico e cultural regulador da vida humana. Assim, a humanidade organiza o tempo a partir de intervalos e períodos de duração. O tema da temporalidade interessa, de fato, aos historiadores, físicos e filósofos, entre outros estudiosos do conhecimento. O historiador, por exemplo, pode questionar como o tempo tornou-se uma forma de disciplinar o trabalho humano, aumentando a produtividade e pode relacionar o tema ao desenvolvimento do capitalismo. Interessa também ao historiador a elaboração de calendários e relógios. O físico, por influência da obra de Albert Einstein, vê o tempo como uma quarta dimensão do contínuo espaço-tempo do Universo. E o filósofo propõe uma reflexão acerca da concepção humana de temporalidade e suas implicações existenciais. Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), por exemplo, foi um dos antigos especuladores acerca da natureza do tempo, destacando-lhe uma dimensão metafísica. É tema de reflexão filosófica e sociológica também a relação entre novas tecnologias e a aceleração do tempo, fenômeno das sociedades modernas, ou como preferem alguns, da sociedade pós-moderna.



2. Texto Filosófico - Por Agostinho de Hipona (Santo Agostinho), em *As confissões*

“O que é, efetivamente, o tempo? Quem poderá explicá-lo breve e facilmente? Quem poderá alcançar sua noção, com o pensamento, a ponto de dizer sobre ele uma palavra exata? E, no entanto, em nossos discursos, que ideia damos como mais conhecida e familiar que a de tempo? E, quando falamos a seu respeito, a entendemos, assim como a entendemos quando dela ouvimos falar. O que é, portanto, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo, a quem me pergunta, não sei.

Todavia, com segurança afirmo que, se nada passasse, não haveria o passado; se nada acontecesse, não haveria o futuro; se nada fosse, não existiria o presente. Mas, então, como existem esses dois tempos, o passado e o futuro, se o passado não é mais e o futuro ainda não é? Quanto ao presente, se fosse sempre presente e não transcorresse no passado, não seria mais tempo e sim, eternidade. Se, portanto, o presente, para fazer parte do tempo, deve existir e transcorrer no passado, como podemos dizer que é, se a sua razão de ser é o cessar de ser, uma vez que só podemos dizer que verdadeiramente o tempo é porque tende para o não ser?

Para Agostinho (Santo Agostinho), toda percepção humana se enraíza no presente.

E, todavia, falamos do tempo longo e do tempo curto, e somente em relação ao passado e ao futuro. Chamamos longo o passado que teve início, por exemplo, 100 anos atrás, e, do mesmo modo, longo o futuro



que tem como prazo 100 anos a partir de hoje; breve o passado de dez dias atrás; breve o futuro daqui a dez dias. Mas de que modo pode ser longo ou breve o que não existe?

O passado já não é mais; o futuro ainda não é. Não dizemos, portanto, do passado: é longo; mas foi longo; e do futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz, assim não estaria a realidade zombando do homem? Aquele passado efetivamente foi longo quanto? Foi longo quando era passado ou quando ainda era presente? Tinha realmente a possibilidade de ser longo somente quando existia aquilo que podia ser longo. O passado já não era mais; por isso, tampouco tinha a possibilidade de ser longo o que não existia. Assim, não dizemos: foi longo aquele tempo passado; também não encontraremos mais aquilo que foi longo; porque o tempo, enquanto passado, não existe mais.

Nem o futuro nem o presente existem; isso agora está muito claro. Nem se pode dizer propriamente que os tempos são três: passado, presente e futuro. Talvez fosse melhor dizer que os tempos são: o presente do passado; o presente do presente; o presente do futuro. E estes estão na alma; não os vejo alhures. O presente do passado é a memória, o presente do presente é a percepção, o presente do futuro é a expectativa. "



O tempo é regulador da vida e da cultura humana.

3. Por Nietzsche, em *A Ciência Gaia* - (sobre o mito do eterno retorno)

"O que aconteceria se, um dia ou uma noite, um demônio se esgueirasse furtivamente na mais solitária das tuas solidões e te dissesse: 'Esta vida, assim como a vives agora e a vivestes, terás de vivê-la novamente infinitas vezes e nela não haverá nada de novo, mas retornarão a ti cada dor e cada prazer, cada pensamento e suspiro, cada coisa indizivelmente pequena ou grande da tua vida, e tudo na mesma sequência e sucessão, como esta aranha e este luar por entre os ramos e também este instante e eu mesmo. A eterna ampulheta da existência será novamente virada e tu com ela, grão de poeira!'

Não te lançarias ao chão, rangendo os dentes e maldizendo o demônio que assim te falou? Ou então, talvez tendo vivido alguma vez um instante tão imenso, seria está a tua resposta: 'Tu és um Deus e nunca ouvi nada tão divino?'

Se esse pensamento ganhasse poder sobre ti, assim como és agora, ele te faria sofrer uma metamorfose e talvez te triturasse. A pergunta para qualquer coisa – 'Queres isso mais uma vez e ainda inúmeras vezes?' – Pesaria sobre o teu modo de agir como o maior dos pesos! Ou, então, quanto terias que amar a ti mesmo e à vida, para não desejar nada mais que esta última e eterna confirmação, está chancela? "

4. Por Henri Bergson, em *Matéria e memória*

"O que é para mim o momento presente? É próprio de o tempo decorrer; o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático. Existe, sem



dúvida, um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele de que falo quando falo da minha percepção presente, este presente ocupa necessariamente uma duração. Onde, portanto, está localizada essa duração? Está aquém ou além do ponto matemático que determino idealmente quando penso no instante presente?

É bastante evidente que essa duração se encontra contemporaneamente aquém e além, e o que eu denomino meu presente confina ao mesmo tempo com o meu passado e o meu futuro. Com o meu passado, antes de tudo, porque o momento em que falo já está distante de mim; depois com o meu futuro, porque é para o futuro que esse momento tende, e porque se eu pudesse fixar esse presente indivisível, este momento infinitesimal na curva do tempo, ele me indicaria a direção do futuro. É, portanto, necessário que o estado psicológico que eu denomino meu presente seja contemporaneamente uma percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.

Enquanto é percebido, o passado imediato é sensação, pois toda sensação traduz uma sucessão muito longa de vibrações elementares; enquanto se determina, o futuro imediato é ação, o movimento. O meu presente é, portanto, contemporaneamente sensação e movimento; e como o meu presente forma um todo indiviso, o movimento deve depender da sensação, prolongá-la em ação. Concluo daí que o meu presente consiste em um sistema combinado de sensações e movimento: é, por essência, sensório-motor. "

5. Conhecendo um pouco mais sobre Henri-Louis Bergson

(Paris, 18 de outubro de 1859 — Paris, 4 de janeiro de 1941)

Foi um filósofo e diplomata francês, conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas: cinema, literatura, neuropsicológica, entre outras. Em 1927, obteve o Prêmio Nobel de Literatura. Henri Bergson era filho de mãe inglesa e pai polaco. Viveu com os seus pais alguns anos em Londres, mas aos nove anos regressou a Paris, seu local de nascimento, onde se naturalizou francês. Ali fez os seus estudos, licenciando-se em Letras e em 1881 tornou-se professor, lecionando em várias localidades da França. Em 1889 obteve o doutoramento em Letras pela Universidade de Paris, com uma tese sobre Aristóteles. No ano seguinte obteve um lugar como professor no Collège de France. A partir de 1925, passa a sofrer de um reumatismo deformante, que o deixará semiparalisado, a ponto de impedi-lo de ir a Estocolmo para receber o Nobel de Literatura de 1927. Faleceu em 1941, aos 81 anos.

6. Texto Filosófica - Filosofia do tempo - Por Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho

"O tempo é um dos temas que sempre atraíram a atenção do ser racional. Trata-se de conhecê-lo, diagnosticá-lo, para dar dimensões mais amplas ao desenvolvimento pessoal. A Filosofia ensina-nos que ele é um fluir constante. Uma sucessão ininterrupta, na qual todas as coisas que a experiência nos mostra nascem, existem e morrem. É fatalmente irreversível: nenhum esforço humano o pode deter, retardar ou acelerar. Tudo, com movimento perpétuo e revolução perene, passa e vai passando. Daí o natural interesse do homem pelo tempo. Os sábios da Grécia falavam em seis idades: infância, puerícia, adolescência, juventude, idade adulta, velhice. Salomão e Confúcio sintetizavam a vida humana em três etapas: juventude, maturidade e velhice. Shakespeare classificou a existência humana em sete períodos. Sábios e pensadores, analisando a trajetória do homem neste mundo, vêm tecendo considerações sobre o tempo e indagam: – Onde estamos? – Para onde vamos? – Que podemos saber? – Que devemos fazer? – Que nos é lícito esperar? Eis aí problemas fundamentais



intimamente relacionados com o tempo. Seja qual for a solução, cada um joga com um período de vida que lhe é outorgado para levar a bom termo o fim supremo de sua existência.

O gênio Aristóteles deixou esta definição: 'O tempo é o número (soma) do movimento, segundo o anterior e o posterior'. Daí a distinção entre o tempo cósmico, histórico e existencial, de tanta importância e consequências. Magnífica a análise feita por Berdiaeff: 'O tempo cósmico é calculado matematicamente sobre o movimento de rotação em torno do sol. Com ele se estabelecem os calendários e os relógios. Ele é simbolizado por um turbilhão. O tempo histórico está como que encaixado no tempo cósmico e se pode contá-lo matematicamente por dezenas de anos, por séculos, por milênios. Nenhum fato, porém, pode nele se repetir. Está simbolizado por uma linha dirigida para o futuro, para a novidade. O tempo existencial não se calcula matematicamente. Seu curso depende da intensidade com a qual se vive nele, depende de nossos sofrimentos e de nossas alegrias'. Não se mede nem se avalia uma existência pelo número de anos, nem pelo período histórico, mas, sim, pela vivência plena e intensa, repleta de ações que perenemente repercutirão. Bem afirmou Vieira: 'Nem todos os anos que passam se vivem: uma coisa é contar os anos, outra é vivê-los'. As ações são, em verdade, os dias e é por elas que têm valor os anos.

O viver em plenitude cada instante é o segredo da verdadeira vida. Cristo viveu 33 anos. Alexandre Magno, 32. Tomás de Aquino, 48. Luís Gonzaga, 23. Alberto Magno, 32. Franz Schubert, 31. Mozart, 35. A eles e a tantos outros se aplica o dito da Escritura: 'Tendo vivido pouco, encheram a carreira duma larga vida'. Tanto é verdade que o importante não é viver muito, mas viver bem. Os que tiveram existência longa só continuam na lembrança dos pósteros porque souberam bem se aproveitar de seus dias. Eis porque Horácio lançou esta sentença: 'carpe diem, quam minimum credula postero. Goethe dá o motivo: 'Cada momento, cada segundo é de um valor infinito, pois ele é o representante de uma eternidade inteira'. Ideia já expressa por Apuleio: 'tempus aevi imaginem' – o tempo é a imagem da eternidade. Virgílio advertiu que não se pode dissipar o tempo: 'Fugit irreparabile tempus' – foge o irreparável o tempo.

Razão teve Riminaldo ao escrever: 'Há quatro coisas que não voltam atrás: a pedra, depois de solta da mão; a palavra, depois de proferida; a ocasião, depois de perdida; e o tempo, depois de passado'. É de Bulwer-Lytton o dito famoso: 'Time is money' – o tempo é dinheiro. Quevedo faz esta ponderação: 'Sabes tu, porventura, o que vale um dia? Conheces o preço de uma hora? Examinaste, já, o valor do tempo? Decerto não, porque as deixas passar, alegre, descuidado da hora que, fugitiva e secreta, te leva preciosíssimo roubo. Quem te disse que o que já foi, voltará, quando te for preciso, se o chamares? Dize-me: viste já alguma pegada do dia? Não! Ele só volta à cabeça para rir e zombar daqueles que assim o deixaram passar'. Tudo isto merece uma reflexão profunda. "

7. Introdução – SOBRE O AMOR

O termo amor tem origem no latim amor e expressa grande variedade de sentidos. Amor geralmente está relacionado a um íntimo sentimento de afeição cujo objeto pode ser de ordem física ou espiritual. A atração sexual ou estética, por exemplo, é de ordem física; a compaixão ou a devoção religiosa, de ordem espiritual. O conceito pode implicar uma relação, ou seja, o amor, nesse caso, não é unilateral, mas um sentimento mútuo compartilhado, em que não se faz a clara distinção entre objeto e sujeito. Assim, o amor estimula os sentidos e os estados psicológicos, inclinando-os para a atração, reproduzindo e alimentando esse sentimento.

O amor genuíno inclina-se ao desejo de fazer o bem ao seu objeto. Fala-se, portanto, do amor de mãe, do amor fraterno, do amor a Deus, do amor à vida, do amor pelo conhecimento (Filosofia) e até de amor platônico, ou seja, aquele que inspira à contemplação.



O amor também está no centro da filosofia e tradição religiosa cristã. O professor Anderson Pereira da Cruz escreveu: “A Bíblia nos dá uma grande tradução para o amor em I Coríntios 13. O amor é diferente de sexo. O sexo é um complemento do amor no matrimônio, namoro ou noivado. O amor busca o bem da (o) parceira (o), busca a verdade, a fidelidade, a comunhão. O amor não se ufana, não se irrita por qualquer motivo”.

8. O Amor Platônico

Platão escreveu uma apologia sobre o amor chamada O banquete. Para Platão, o homem porta um impulso nostálgico, pois a alma preexiste e tem sua origem num mundo de idealidades. O mundo material seria apenas um jogo de sombras do verdadeiro mundo das ideias. Para esse filósofo grego, há nos homens um Bem ansiado de ordem metafísica e dele nasce o Eros.

Eros é, na mitologia grega, o deus do amor, mas representa a parte consciente da experiência de atração que uma pessoa sente por outra. Daí vem o termo erótico. Para Platão, a contemplação espiritual é a forma transcendente e verdadeira de amar. Hoje, amor platônico expressa um amor ideal, alheio aos interesses ou ao gozo e o termo é usado muito para designar um amor casto. Trata-se de uma adulteração do sentido original e filosófico de amor platônico. Esse queria dizer a busca da verdade essencial, pois para o pensamento de Platão, o amor é ausência, pois os homens estão na matéria, distantes do mundo original. Para Platão, assim como para a tradição cristã, o amor se insere numa dimensão metafísica. Outros autores trataram o amor sob a ótica da filosofia materialista, ou da ciência e psicanálise, como Sigmund Freud, considerado por muitos o pai da psicanálise.

9. Texto - O Amor como Fator Civilizador - Por Sigmund Freud, em Psicologia das massas e a análise do eu.

“As provas da psicanálise demonstram que quase toda relação emocional íntima entre duas pessoas que perdura por certo tempo — casamento, amizade, as relações entre pais e filhos — contém um sedimento de sentimentos de aversão e hostilidade, o qual só escapa à percepção em consequência da repressão. Isso se acha menos disfarçado nas alterações comuns entre sócios comerciais ou nos resmungos de um subordinado em relação ao seu superior.

A mesma coisa acontece quando os homens se reúnem em unidades maiores. Cada vez que duas famílias se vinculam por matrimônio, cada uma delas se julga superior ou de melhor nascimento do que a outra. De duas cidades vizinhas, cada uma é a mais ciumenta rival da outra; cada pequeno cantão encara os outros com desprezo. Raças estreitamente aparentadas mantêm-se a certa distância uma da outra: o alemão do sul não pode suportar o alemão setentrional, o inglês lança todo tipo de calúnias sobre o escocês, o espanhol despreza o português. Não ficamos mais espantados que diferenças maiores conduzam a uma repugnância quase insuperável, tal como a que o povo gaulês sente pelo alemão, o ariano pelo semita. Quando essa hostilidade se dirige contra pessoas que de outra maneira são amadas, descrevemo-la como ambivalência de sentimentos e explicamos o fato, provavelmente de maneira demasiadamente racional, por meio das numerosas ocasiões para conflitos de interesse que surgem precisamente em tais relações mais próximas. Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com quem têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo. Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência das suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência da sua alteração. Não sabemos por que tal



APOSTILA

FILOSOFIA e SOCIOLOGIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

3º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



Sociologia

sensibilidade deva dirigir-se exatamente a esses pormenores de diferenciação, mas é inequívoco que, em relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar.

Mas, quando um grupo se forma, a totalidade dessa intolerância desvanece-se, temporária ou permanentemente, dentro do grupo. Enquanto uma formação de grupo persiste ou até onde ela se estende, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades dos seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles. Tal limitação do narcisismo, de acordo com nossas concepções teóricas, só pode ser produzida por um determinado fator, um laço libidinal com as outras pessoas. O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos. Levantar-se-á imediatamente a questão de saber se a comunidade de interesse em si própria, sem qualquer adição de libido, não deve necessariamente conduzir à tolerância das outras pessoas e à consideração para com elas. Essa objeção pode ser enfrentada pela resposta de que, não obstante, nenhuma limitação duradoura do narcisismo é efetuada dessa maneira, visto que essa tolerância não persiste por mais tempo do que o lucro imediato obtido pela colaboração de outras pessoas. Contudo, a importância prática desse debate é menor do que se poderia supor, porque a experiência demonstrou que, nos casos de colaboração, se formam regularmente laços libidinais entre os companheiros de trabalho, laços que prolongam e solidificam a relação entre eles até um ponto além do que é simplesmente lucrativo. A mesma coisa ocorre nas relações sociais dos homens, como se tornou familiar à pesquisa psicanalítica no decurso do desenvolvimento da libido individual. A libido liga-se à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo. E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo. E isso é verdade tanto quanto ao amor sexual pelas mulheres, com todas as obrigações que envolve de não causar danos às coisas que são caras às mulheres, quanto do amor dessexualizado e sublimado, por outros homens, que se origina do trabalho em comum."

Glossário

Libido: (do latim, significando "desejo" ou "anseio") é caracterizada como a energia aproveitável para os instintos de vida. De acordo com Freud, o ser humano apresenta uma fonte de energia separada para cada um dos instintos gerais.

Situação de Aprendizagem 23 **STATUS, PAPEL E MOBILIDADE SOCIAL**

1. Introdução

Para melhor articular a ciência social, torna-se necessário o domínio de categorias científicas próprias. Nesse capítulo estão colocados alguns conceitos básicos da sociologia e todos foram colhidos do livro Introdução à Sociologia, de Sebastião Vila Nova, com algumas adequações de linguagem e de exemplo.

Note-se que alguns conceitos adquirem um sentido mais amplo e diferente de quando usados pelo senso comum. O termo status, por exemplo, é comumente identificado com a ideia de privilégio social ou posição de destaque na sociedade. Em sociologia, veremos que todos os indivíduos possuem status.



2. Status Social

Toda sociedade é formada por um sistema de status ou posições. Status é a localização do indivíduo na hierarquia social, de acordo com a sua participação na distribuição desigual de riqueza, de prestígio e poder. Onde quer que exista desigualdade de status, tende a haver alguma forma de manifestação de poder.

É próprio da condição social do homem ocupar posições com direitos e deveres preestabelecidos independentemente dos indivíduos. Onde quer que esteja o indivíduo na sociedade, ele estará ocupando alguma posição. O homem, portanto, é um animal que ocupa posições. É comum, na linguagem cotidiana, o emprego do termo status mais ou menos como sinônimo de prestígio; contudo, todas as pessoas ocupam inevitavelmente posições na sociedade, quer sejam superiores ou inferiores. Ter status, portanto, não significa ter muito prestígio ou poder, mas possuir uma posição específica na hierarquia social.

Um indivíduo pode ocupar várias posições. Dentro do grupo familiar, terá um determinado status; na empresa, outro. É possível que um homem seja o último na hierarquia da empresa em que trabalha, mas que seja uma autoridade importante na comunidade religiosa que frequenta, por exemplo.

Os status são ocupados pelos indivíduos, mas são fatos que independem deles. Em outros termos, os indivíduos não são os seus status. Isso torna compreensível que uma autoridade política, por exemplo, afirme não ser o presidente, mas estar presidente. Convém aqui distinguir prestígio de estima. O prestígio de um médico é determinado pelo seu status, já a sua estima depende do desempenho pessoal enquanto médico.

3. O Papel Social

A cada status ocupado pelo indivíduo corresponde um papel social. Papel é o conjunto de expectativas de comportamento padronizado em relação a cada uma das posições existentes em uma sociedade. Em outros termos, papel é o comportamento esperado dos indivíduos em determinados status. O papel é, portanto, a expressão comportamental do status, a sua concretização em ações.

Dizer que uma pessoa desempenha um ou mais papéis sociais implica dizer que ele é um ator social. Isso não significa que o indivíduo que assume um papel seja um hipócrita, ou ainda, que o comportamento social seja inautêntico. Trata-se de uma metáfora: o papel é representado de acordo com as expectativas da sociedade. Que comportamento se espera de um professor em sala de aula?

Poderá uma autoridade militar usar a mesma severidade exigida na hierarquia militar em suas relações de família? Claro que a vida social exige constante representação e o comportamento humano tende a variar de acordo com o ambiente, objetivos, status e papel que se esteja representando. O modo pessoal e o perfil psicológico de cada indivíduo não são objetos específicos de estudo da sociologia, pois a estas interessam os fenômenos que se repetem e são previsíveis.

4. Estratificação Social

Estratificação social é o processo ou o estado de localização hierárquica dos indivíduos em setores relativamente homogêneos da população quanto aos interesses, ao estilo de vida e às oportunidades, segundo a sua participação na desigual distribuição de recompensas socialmente valorizadas (riqueza, poder e prestígio). A sociedade de classes é um tipo de estratificação. Na Índia, em que existe o sistema de castas (divisão baseada nas profissões), e na Europa medieval encontramos sociedades estamentais. São modelos em que não existe a mobilidade social.



Não se pode afirmar que todas as sociedades conheçam a estratificação social. Todas as sociedades conhecem algum tipo de desigualdade, mas nem todas conhecem a estratificação. Desigualdade de direitos e de deveres e diferenciação de posições não implicam estratificação. Esta é apenas um tipo complexo de desigualdade. Nas sociedades tribais, a estratificação é muito rara.

A estratificação social só existe quando surgem amplos setores da população detentores de interesses, formas de participação na produção de bens econômicos, qualidade e volume de consumo, estilo de vida e oportunidades de vida, relativamente homogêneos, de modo a formarem unidades sociais identificáveis como tais e dispostas em uma hierarquia culturalmente convencionada. Nas sociedades tribais, em geral, encontramos uma distribuição igualitária de bens econômicos e por isso não são sociedades estratificadas.

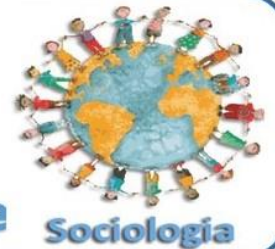
5. Mobilidade Social

Mobilidade social é a locomoção dos indivíduos no sistema de posições da sua sociedade. A mobilidade pode ser horizontal ou vertical. Horizontal, quando o indivíduo muda o status, mas permanece na mesma camada social; vertical, quando a mudança de status implica em mudança de camada, podendo ser ascendente ou descendente. Mudar de emprego não necessariamente implica mudança de oportunidade, porém, por vezes, as oportunidades de vida podem aumentar ou diminuir.

As oportunidades de mudança de status variam de sociedade para sociedade. Nas sociedades tradicionais aristocráticas, essas possibilidades são muito reduzidas. Já as sociedades secularizadas, isto é, de organização social predominantemente racional, utilitária e nas quais a tradição é de menor importância, tendem a dar mais oportunidades de mudança de status aos seus membros. De qualquer forma, em nossa sociedade moderna, classista, a possibilidade de mudança pode criar a ilusão de uma sociedade de fato economicamente democrática, quando, na verdade, sabe-se que as oportunidades de mudança na estratificação são raras e difíceis.

Exercícios Filosóficos para Reflexão e Fixação

1. A realidade psicológica do presente é a duração do tempo. O presente confina com o passado imediato (sensação) e com o futuro imediato (ação). O presente consiste em um sistema combinado de sensações e movimento. Esse pensamento provém do filósofo:
 - a) Agostinho (S. Agostinho).
 - b) Heidegger.
 - c) Merleau-Ponty.
 - d) Nietzsche.
 - e) Bergson.
2. "A reflexão sobre o tempo propõe importantes questões sobre a vida humana e seu sentido e brevidade, como: Onde estamos? – Para onde vamos? – Que podemos saber? – Que devemos fazer? – Que nos é lícito esperar?" (José Geraldo V. de Carvalho). O título mais adequado para esse texto é:
 - a) Em busca da origem da espécie humana.
 - b) Objeto fundamental de toda forma de conhecimento humano.
 - c) A função única da filosofia.
 - d) A relação entre o problema do tempo e a filosofia.
 - e) Em busca do tempo perdido.



3. Segundo José Geraldo V. de Carvalho, viver bem é viver plenamente e intensamente. Ele cita importantes personagens que fizeram a história da cultura humana e que viveram pouco tempo, como Alexandre Magno, Tomás de Aquino, Alberto Magno, os compositores Schubert e Mozart e o próprio Cristo. Portanto viver bem é ter uma longa vida saudável.
- longevidade é qualidade de vida.
 - para o autor, viver bem não significa necessariamente viver muito tempo.
 - viver plenamente é ter saúde, vida longa e trabalhar.
 - as condições profiláticas (de saúde física) são fundamentais para que se produza qualidade e plenitude de vida.
4. Pode-se questionar como o tempo tornou-se uma forma de disciplinar o trabalho humano, aumentando a produtividade e pode relacionar o tema ao desenvolvimento do capitalismo. Interessa também para entender a elaboração de calendários e relógios. Vê-se o tempo como uma quarta dimensão do contínuo espaço-tempo do Universo. Propõe-se uma reflexão acerca da concepção humana de temporalidade e suas implicações existenciais ou a relação entre tempo e metafísica. Essas três preocupações em estudar o tempo podem ser identificadas, respectivamente, nas atividades do
- historiador, físico e filósofo.
 - filósofo, físico e historiador.
 - físico, historiador e filósofo.
 - sociólogo, historiador e físico.
 - historiador, sociólogo e filósofo.
5. "O passado já não é mais; o futuro ainda não é. Não dizemos, portanto, do passado: é longo; mas foi longo; e do futuro: será longo. Meu Senhor, minha luz, assim não estaria a realidade zombando do homem? Aquele passado efetivamente foi longo quanto? Foi longo quando era passado ou quando ainda era presente? Tinha realmente a possibilidade de ser longo somente quando existia aquilo que podia ser longo. O passado já não era mais; por isso, tampouco tinha a possibilidade de ser longo o que não existia. Assim, não dizemos: foi longo aquele tempo passado; também não encontraremos mais aquilo que foi longo; porque o tempo, enquanto passado, não existe mais. Nem o futuro nem o presente existem; isso agora está muito claro. Nem se pode dizer propriamente que os tempos são três: passado, presente e futuro. Talvez fosse melhor dizer que os tempos são: o presente do passado; o presente do presente; o presente do futuro. E estes estão na alma; não os vejo alhures. O presente do passado é a memória, o presente do presente é a percepção, o presente do futuro é a expectativa." (Santo Agostinho). Com essas palavras, o filósofo cristão pretendeu afirmar que
- o tempo não existe.
 - o tempo está na alma humana.
 - o tempo é um mistério divino.
 - o tempo está dividido em passado, presente e futuro.
 - a temporalidade resulta em uma concepção resultante de processos da cultura.



6. "O que aconteceria se, um dia ou uma noite, um demônio se esgueirasse furtivamente na mais solitária das tuas solidões e te dissesse: 'Esta vida, assim como a vives agora e a vivestes, terás de vivê-la novamente infinitas vezes e nela não haverá nada de novo, mas retornarão a ti cada dor e cada prazer, cada pensamento e suspiro, cada coisa indizivelmente pequena ou grande da tua vida, e tudo na mesma sequência e sucessão, como está aranha e este luar por entre os ramos e também este instante e eu mesmo. A eterna ampulheta da existência será novamente virada e tu com ela, grão de poeira!' Não te lançarias ao chão, rangendo os dentes e maldizendo o demônio que assim te falou? Ou então, talvez tendo vivido alguma vez um instante tão imenso, seria está a tua resposta: 'Tu és um Deus e nunca ouvi nada tão divino?' Se esse pensamento ganhasse poder sobre ti, assim como és agora, ele te faria sofrer uma metamorfose e talvez te triturasse. A pergunta para qualquer coisa – 'Queres isso mais uma vez e ainda inúmeras vezes?' – pesaria sobre o teu modo de agir como o maior dos pesos! Ou, então, quanto terias que amar a ti mesmo e à vida, para não desejar nada mais que esta última e eterna confirmação, está chancela?" (Nietzsche). As palavras de Nietzsche referem-se ao seu conceito de "mito do eterno retorno". A partir das palavras do filósofo, pode-se afirmar que
- pretendia defender uma concepção metafísica ou religiosa do tempo, pois fala em eternidade.
 - pretendeu dizer que o tempo é um mito.
 - pretendeu afirmar que o tempo é uma criação de Deus.
 - falou da incomensurabilidade do tempo.
 - defendeu a ideia de se conduzir uma existência dionisíaca (fundamentada na busca do prazer).
7. O Termo "relações sociais" está ligado
- ao processo de interação entre diversos atores sociais em determinados papéis sociais.
 - somente à comunicação das pessoas.
 - a questões profissionais dos atores sociais.
 - a um entendimento dos homens em sociedade a respeito da produção de riquezas.
8. No conceito sociológico, ter status é
- possuir bens.
 - possuir prestígio.
 - possuir estima pessoal.
 - possuir poder
 - ocupar uma posição hierárquica.
9. Prestígio e estima são conceitos
- semelhantes. São conceitos iguais que definem o status pessoa.
 - diferentes, o prestígio de uma pessoa é determinado pelo seu status, já a sua estima, depende do seu desempenho pessoal.
 - diferentes. O prestígio é meramente econômico e a estima está restrita aos círculos familiares.
 - diferentes, pois a estima é a atenção pública que um indivíduo consegue reter e prestígio depende exclusivamente da sua posição econômica e de poder aquisitivo.
 - são conceitos contrários e não complementares.



APOSTILA

FILOSOFIA e SOCIOLOGIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

3º ano – Ensino Médio - 3º bimestre



Sociologia

10. Sobre o conceito de status, julgue as assertivas abaixo e assinale a alternativa que agrupa somente as verdadeiras.

I – Toda sociedade é formada por um sistema de status ou posições.

II – Status é a localização do indivíduo na hierarquia social, de acordo com a sua participação na distribuição desigual de riqueza, de prestígio e poder.

III – Onde quer que exista igualdade de status, tende a haver alguma forma de manifestação de poder.

IV – Status define uma posição perene (permanente e definitiva), inseparável e própria que cada indivíduo possui ao nascer numa determinada sociedade.

a) I e III

b) I e II

c) II e IV

d) III e IV

e) I e IV

11

BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

Bergson, Henri. Correspondências, obras e outros escritos, São Paulo, Abril Cultural, 1974

Bianco, Giuseppe. Après Bergson. Portrait de groupe avec philosophe. Paris, PUF, 2015.

Agostinho. A Cidade de Deus Volume II. Trad. de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Goulbekian, 2000.

Agostinho. A Trindade. Trad. de Frei Agostinho Belmonte, O.A.R. São Paulo: Paulus, 1994.

Agostinho. Confissões. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina; "Vida e obra" por José Américo Motta

RUBIRA, L. Eduardo. Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvariação de todos os valores. FFLCH-USP, 2008.

Nietzsche e os Gregos, por Alexandre Alves. Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, vol.1, nº 2, pp.1-17.

Professor Leandro Andrade da Rocha



Website

www.cogitomagister.blogspot.com



leoandrerocha@hotmail.com



@msleandrorocha



LeandroChamberlain